



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DINÁ PETTENUZZO SANTIAGO I

(depoimento)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-03

Entrevistado: Diná Pettenuzzo Santiago

Nascimento: 01/06/1941

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistadores: Karine Dalsin e Berenice Machado Rolim

Data da entrevista: 04/09/2002

Transcrição: Éster Rodrigues Leão

Conferência Fidelidade: Luanda dos Santos Dutra

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: (01 fita) 03/01-A

Total de gravação: 30 minutos

Páginas Digitadas: 11

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0426/2003/01

Número de registro da fita: 0426/2003/01

Observações: A fita 03/1-A contém, no lado B, a primeira parte da entrevista 07, ou seja, a fita 07/1-B

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SANTIAGO, Diná Pettenuzzo. *Diná Santiago I (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2003.

Sumário

A iniciação da entrevistada no esporte; a influência do irmão; títulos conquistados por ela neste período; sua participação na natação; considerações a respeito do Grêmio Náutico União; a formação da equipe feminina de basquetebol e voleibol do União; breve comentário sobre a Universíade de 1963; a participação da equipe brasileira de voleibol; o abandono do esporte por parte da entrevistada; breve relato de sua graduação e vida profissional; a relação entre as irmãs Santiago; considerações a cerca da sociedade da época; a mulher e o esporte; referências à vida esportiva da irmã, Diva Santiago.

Porto Alegre, 04 de setembro de 2002. Entrevista com Diná Santiago, a cargo das pesquisadoras Karine Dalsin e Berenice Machado Rolim para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Diná, eu gostaria que tu nos falasses da tua história de vida e de como o esporte se inseriu nela.

D.S. - Bem, o esporte na minha história de vida tem um lugar muito importante. Porque se iniciou na minha vida, basicamente, aos sete anos de idade quando eu fui levada pelo meu irmão, que era atleta - e acho que conhecido: Dilson Santiago; ele nos levou... Nós tínhamos uma diferença de idade de onze anos, e ele levou a minha irmã Diva¹ e eu para freqüentar o clube que era perto da nossa casa, que era o Grêmio Náutico União². E ele já era ligado ao basquete, estava começando e achou, então, que a gente ia gostar de alguma forma de esporte lá no União, e a nossa forma inicial foi com a natação. E o interessante é que este momento - até um pouco imprevisível na vida - se tornou muito importante porque depois, em torno do Grêmio Náutico União... A nossa vida se deu quase durante vinte e cinco anos após, e sempre em esportes variados. E propiciou também os nossos relacionamentos afetivos, tanto amorosos quanto de amizade, com laços assim muito importantes para o resto da vida.

K.D. - Ah, pode nos falar assim: essa foi a tua entrada, foi pela natação?

D.S. - Foi pela natação.

K.D. - Que daí tu acabastes competindo e seguistes tua vida...

D.S. - Então dentro da natação, nós começamos na natação aprendizagem cujo professor é também muito conhecido nos meios da educação física, que é o professor Werner dos Reis³, o nosso Peixinho. O Peixinho foi um dos treinadores daquela época e o outro treinador foi o irmão dele, que também é professor de educação física aposentado e que se

¹ Diva Santiago Corrêa.

² Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

³ Jayme Werner dos Reis.

chama Delmar dos Reis. Então nós seguimos na natação e conseguimos recordes, tanto no nado infantil, no início, e depois no juvenil, tudo no campeonato infanto-juvenil. Aí eu detive recorde em nado de costas, 100 metros, e que pertenceu - pertence ainda - ao “ranking” daquele ano, que deve ter sido 1952, basicamente. Esse início oficial, não é. E depois disso, então, a continuidade também dentro do União, foi a natação adulto onde também, então, nós detivemos o recorde, com o Estadual Gaúcho dos 4 x 100 estilos, onde eu era então a nadadora inicial, que era do dorso, costas. E esse também foi record estadual por um tempo razoável naquela época, onde a técnica não era assim... nem os métodos de treinamento não eram avançados. Mas a gente conseguia, então, manter um recorde por uns dois anos, três anos, não muito além disso.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

K.D. - Continuando, tu estava nos contando da natação e, a propósito, tu nadavas costas e só competia em costas ou em algum outro estilo?

D.S. - Não, eu competia - o costas onde foi o meu melhor resultado - mas eu nadava também peito clássico. Porque o outro era o nado borboleta que depois passou a “butterfly” - hoje é golfinho - porque mudou também a técnica do nado e hoje ele é golfinho porque tem outra pernada. Na nossa época se chamava “butterfly” pois era uma mistura da pernada do peito clássico, a mesma pernada, com a saída dos braços igual ao golfinho de hoje. Mas as minhas marcas, mesmo, na natação foi mais dentro do nado de costas e do nado de peito clássico. Bem, aí dentro da própria natação nós formamos, com um treinador chamado Zequinha⁴, que veio de São Paulo⁵... Ele nos propôs formar com as nadadoras do União o Ballet Aquático⁶. Então eu fui também dessa equipe de Ballet Aquático que tinha umas treze moças. E nós então compúnhamos junto com a rapaziada, a gente fazia a Revista Aquática União⁷. Essa Revista Aquática do União se compunha do Ballet

⁴ José de Carmo Neves Filho. Trabalhou no União de 1958 a 1963.

⁵ Cidade Brasileira

⁶ O grupo de Ballet Aquático atuou nas temporadas de 61/62 e 62/63 e era integrado pelas nadadoras: Deise Gavioli, Irma Teixeira, Lilian Pupper, Lísia Wald Barth, Maria da Graça Duhá, Maria Helena Manta, Mariza Petzhold, Neiva Terezinha Kopper e Sônia Maria O. Neves. Na temporada de 62/63 entraram para o grupo as nadadoras Diná Santiago, Diva Santiago e Maria Helena Cidade.

⁷ Esta Revista foi criada pelo treinador Zequinha.

Aquático, dos Aqualoucos⁸ e, algumas vezes, algumas demonstrações de nados primários, de nados utilitários e, às vezes, de “water-polo”. Mas era mais composta dos Aqualoucos e do Ballet Aquático. Então essa Revista... Em qualquer festa que houvesse: de escolha de rainha, tanto a nível de Porto Alegre⁹ quanto do interior - Gramado, Canela¹⁰ - e onde houvesse essas festas, inaugurações de piscina, o União era chamado para fazer a sua Revista Aquática. Então era uma coisa muito interessante, era um... era assim... um derivativo ali, não é, da natação. Então foi bastante interessante. Então, a gente vivendo o União assim intensamente, porque naquela época todo mundo estudava lá do... A maioria das pessoas que nadava, estudava; tinha a sua vida estudantil, mas nós tínhamos também, assim, uma parada, para os nadadores, que vinha mais ou menos de fevereiro - quando terminava a temporada e começava a escola, se parava completamente - e se reiniciava lá por outubro, novembro. Aí os treinadores começaram a propor que a gente fizesse... Porque não havia piscina aquecida naquela época: nós só tínhamos no União - a piscina olímpica do União, que é aquela ali em cima na Quintino¹¹ - porque a sede de Alto Petrópolis¹² recém era um sonho: tinha uma sedezinha pequeninha mas nem piscina ainda era construída. E a sede da Ilha do Pavão¹³, era para gente mais assim fazer piquenique, essas coisas; não era uma sede que a gente pudesse fazer... Também não tinha nada especial de piscinas. Aí então foi proposto para nós, naquela época, que a gente fizesse, durante os meses de inverno, ginástica. Então nós tínhamos, basicamente, três vezes por semana - eu acredito -, porque era bastante freqüente. Nós fazíamos *ginástica* mesmo, mais calistênica, como se conhecia na época, e nós íamos lá para dentro do ginásio, aquela *turma* de nadadores e fazíamos ginástica durante todo o ano. Mas isso se viu, naquela época, que era raro nadador daqui, como no caso o Luiz Campos¹⁴ - que também é professor aposentado de educação física - que era o Campinhos... O Campinhos ganhou... Ele foi fita azul na natação nacional; ele chegou a ganhar o 100 metros “crawl”. Mas eram poucos os títulos, nesses anos cinquenta: poucos os títulos nacionais que se poderia conseguir. E até eu

⁸ Grupo que fazia exhibições artísticas na piscina e nos trampolins, fundamentalmente, através de saltos acrobáticos. Foram Aqualoucos: Jesse James Stringhini, Martin Aranha Filho, Miguel Scavone, Paulo Angeli, Paulo B. Duarte, Sérgio Silveira, Wanderlei Scavone, José Herculano, Rony Jung, Antônio Folgiarini e Milton Borges Vieira.

⁹ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁰ Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

¹¹ Sede Moinhos de Vento situada na rua Quintino Bocaiúva.

¹² Bairro da cidade de Porto Alegre

¹³ Uma das tantas ilhas que compõem o Delta do Jacuí em Porto Alegre, junto ao Rio Guaíba.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação

participei de um brasileiro que foi realizado aqui em Porto Alegre. Mas nem eu e poucos daqueles nossos - com exceção do Campinhos, que era fantástico mesmo - conseguimos uma colocação muito boa. Então se viu que aquela ginástica de manutenção não nos dava o pique, a velocidade que os outros lá do Rio de Janeiro¹⁵ e mais lá para cima, que tinha um outro clima, conseguiam alcançar. Bem, como eu disse no início da entrevista, essa nossa participação no União como atleta foi modificando as nossas vidas, assim, em vários sentidos. Então dali como a gente vivia lá dentro - a gente ia aos bailes - então a nossa vida social também se deu em torno da nossa vida esportiva. Então como a gente não se afastava e passava o ano inteiro em programas, além da ginástica, em programas sociais do União, nós fomos convidadas a fazer um time de basquete. Então antes mesmo do voleibol, nós compusemos um time de basquete. E nessa época é interessante porque o União tinha uma quadra e não tinha ainda aquele ginásio que fica em cima do Grill¹⁶; ele tinha só uma quadra não coberta e, em vista disso, era muito, assim, interessante porque nós - quando chovia - ficávamos esperando embaixo dos toldos que a chuva parasse, para pegar a vassoura, varrer toda a quadra aberta, [Ouve-se uma música ao fundo, relativa à uma atividade esportiva que se realiza próximo ao local onde estava sendo gravada a entrevista], para poder treinar o basquete. Então era assim, era bem diferente... E eram menos pessoas, a gente lutava em torno de um clube, assim, não era como é hoje, que é uma coisa popularizada, com muitas participações. Mas isso deu origem, então, a um time de basquete que chegou a ter vários anos de disputa com a SOGIPA¹⁷, com a ACM¹⁸ e com... Tinha um time chamado também Vasco da Gama, naquela época, feminino... E daí se originou também uma seleção gaúcha que em um ano - que agora eu não sei precisar bem - nos anos sessenta, se não me engano, conseguiu o título de vice-campeão nacional.

K.D. - Ah, acho que vamos ter que fazer uma pausa, vamos trocar de sala, por causa do som...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

¹⁵ Cidade Brasileira

¹⁶ Situado na Sede Moinhos de Vento, foi inaugurado em 1958.

¹⁷ Fundada em 1867 como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica). A partir de 1942 passa a chamar-se Sociedade Ginástica Porto Alegre.

¹⁸ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

D.S. - Bem, então, dessa nossa equipe que varria a quadra, foi se formando - como eu falei - um time que disputou o estadual aqui e chegou a ganhar um estadual de basquete. E algumas jogadoras, então, às vezes, quase todas as titulares que somavam-se às da SOGIPA, compuseram essa equipe, que foi a equipe gaúcha que se sagrou vice-campeã brasileira, jogando lá em Niterói¹⁹: um campeonato lá no estado do Rio. E, então, do basquete e da natação nós já estávamos fazendo uma ponte para o voleibol. E assim se começou o time de vôlei que foi, afinal, dentro da minha vida esportiva, o que eu acho que meu deu mais títulos. Então, nesse... Já havíamos começado, ali pelo final dos anos cinqüenta, início dos anos sessenta. E ganhamos cerca de sete campeonatos universitários brasileiros. Ganhamos seguido porque deu a causalidade - o nosso time era basicamente universitário - e era o time que treinava - que era o do União não é. Que disputava de igual para igual com a SOGIPA. Então, a base era o nosso time e mais uma ou duas pessoas da SOGIPA, como a Susana Schmidt²⁰, que hoje   da Universidade de Recife²¹. Esse time então se comp s e venceu por umas sete vezes, basicamente seguidas nos anos 60, o nacional universitário. [nesse momento ouve-se um telefone celular tocando]. O voleibol também nos trouxe.

[INTERRUP O DE FITA]

D.S. - Estaduais... Quando nós não  ramos campeãs, nós  ramos vice, numa disputa, para quem se lembrar, uma disputa muito, muito acirrada com a SOGIPA. Era o nosso adversário no voleibol naquela época. E também dessas forma es que eu falei foi tirada, em 1963, a base universitária para disputar a Universiade, que foi realizada em Porto Alegre nos meses de julho e agosto do ano de 63. E onde, então, com a ausência da Cortina de Ferro²² nós conseguimos vencer a Universiade²³. Então somos portadoras desse título e

¹⁹ Cidade Brasileira

²⁰ Nome sujeito a confirma o

²¹ Universidade Federal de Pernambuco.

²² Um dos principais símbolos da Guerra Fria. Denomina o conferida à linha de fronteira que dividia a Europa em dois blocos: Ocidental e Oriental evidenciando a aproxima o com os Estados Unidos e União Soviética, respectivamente. Países como União Soviética, Pol nia, República Democrática Alemã, Tchecoslováquia, Hungria, Rom nia, Iugoslávia, Bulgária e Albânia compunham o que se denominou Bloco Socialista, conhecido também por países da Cortina de Ferro.

²³ Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universiade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

das coisas que fomos merecedoras: das medalhas, e etc. A partir daí, então, passei uns tempos, não é, ainda jogando, mas para depois abandonar praticamente o voleibol e só retornar há uns vinte anos atrás, quando fui disputar pelos “master” de cinquenta anos, de mais de quarenta. E a partir daí, então, comecei a disputar - às vezes só - os “master” de natação e master de vôlei, sendo que os últimos que eu participei foi em natação há quatro anos atrás quando me machuquei na piscina do IPA²⁴; aí fiquei me recuperando e não voltei mais, assim, para disputar master. E quanto ao voleibol existem pessoas ainda daquela época e daquele time que ganhou a Universiade, como a minha irmã também, Diva, como a Valmy²⁵, do União, e que estão em Porto Alegre, que compõem o time “master” que viaja pelo mundo todo e conquista títulos também por aí: na Tailândia e em vários lugares que elas vão quase que anualmente. E, então, essa é a história do vôlei que eu basicamente participei.

K.D. - Nesse meio tempo entre tu competires com os “masters”... Tu estás mais ligada ao esporte diretamente, competindo como atleta e tal, tu entrastes na educação física, não é? Na ESEF²⁶? Foi motivada por essa tua vivência no esporte?

D.S. - É. Eu me formei aqui na ESEF em 1964 e, conseqüentemente... Eu entrei em 61, porque naquela época eram três anos de formação; e também tinha diferença porque, naquela, época a gente entrava em um grupo, em uma turma com a qual tu fazias todo o curso - não era como é hoje, assim, por semestre, nem seriado. E aí houve o seguinte: aquela foi a época áurea, vamos supor assim, dos títulos, que foram os anos 60 quando se deu a Universiade. Porque passado isso aí, mais ou menos nos anos 70, eu comecei a direcionar a minha vida para outros interesses. Um deles, era porque eu estava formada; então eu trabalhava, aí eu queria estudar mais e fui fazer pedagogia também. E também a minha vida afetiva, não é? E meus compromissos particulares me afastaram, na verdade, do esporte; foi quase, assim, como um lapso na minha vida. E aí, após eu me aposentar em 1986, do Estado, a minha vida também sofreu uma mudança. Eu tinha feito uma concurso aqui para a ESEF e fui chamada em 88 para professora; então, novamente, voltei às lides práticas, ao esporte, a conviver aqui dentro da faculdade. E aí, então, hoje, eu pretendo

²⁴ Instituto Porto Alegrense – Rede Metodista de Educação do Sul

²⁵ Valmi Volpi

²⁶ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

voltar a praticar ou vôlei, natação... Já tenho um plano bem... Que eu pretendo cumprir. Para mim mesmo, porque agora eu estou querendo de novo entrar.

K.D. - Saudades...

D.S. - Muito!

K.D. - Diná, e a tua relação com a Diva, em que momentos o convívio de vocês esteve junto, assim, no esporte?

D.S. - Pois é, então, a minha relação com a Diva, de irmã, não é, a gente... Ela era um pouco mais velha - três anos - e antigamente, três anos de diferença tinha uma certa diferença prática também das coisas, de pensamento. Porque por uma diferença de três anos a gente, nesse últimos anos que se viveu, nós tivemos o advindo da pílula concepcional; tudo isso nós vivemos, essa transformação: da importância da virgindade para chegada da pílula. E para aquelas pessoas pioneiras, a chegada do biquíni, que foi um tabu muito grande. E então, lá no União faziam entrevista com a minha mãe e com as outras que estavam sempre lá porque elas ainda eram os baluartes da - vamos supor assim - da moral. Por dizer assim: da moral severa. Então faziam entrevistas, se deveria ou não a gente usar biquíni; mas é que elas não sabiam que por trás dos bastidores as pessoas já estavam usando. Então elas diziam que não, que as filhas delas não iam usar biquíni, porque biquíni era para mulher que não prestava... Onde é que já se viu mostrar o corpo! Mas é que na verdade, depois que houve pioneirismo aqui no sul, de algumas pessoas que na época foram muito criticadas, a gente já estava todo mundo atrás. Então botávamos aqueles tomara-que-caia, mas era para cair mesmo, porque a gente ia enroscando até ficar um fio só... [risos] É. Então, essas coisas de moral, a gente pegou uma época de muita transformação. O advindo da televisão, o homem que foi à Lua - e as pessoas apostavam que ia ser descoberto que o homem não foi à Lua, que aquilo foi um engodo, que tinham feito aquela montagem, porque era impossível o homem ir à Lua! Então isso tudo foi da minha época. Nós vivemos o temor da Guerra, porque esse meu irmão que faleceu aos 33 anos, ele foi da Infantaria - porque ele fazia Engenharia - ele serviu na Infantaria. Então o temor em casa, da minha mãe em especial, dos meus pais, é que ele ia ser chamado para aquela Guerra, para a Segunda Guerra, que se deu ali nos anos entre 40 e 45. E na verdade,

foi se saber que ele era mesmo um dos primeiros da lista, porque ele era muito calmo; então ele e outras pessoas que a gente conhecia lá do União, eles estavam na mira mesmo para serem chamados caso houvesse qualquer chamado. Então a gente viveu todos esses temores. E a Diva, nós vivemos isso basicamente ao mesmo tempo, mas não posso dizer que *juntas*, a mesma emoção. Porque ela tinha o grupo de amigos dela, que eram um pouco mais velhas e eu tinha o meu grupo de amigas, então a gente não andava, assim, sempre juntas. Foi a partir de 1961, basicamente - eu tinha vinte anos ali - que nós fizemos uma viagem e aí, então, parece que nos enxergamos no mesmo patamar, assim, de decisões, e passamos então a ser confidentes; e aí, sim, começamos - a vamos supor, assim - no mesmo ritmo, na mesma pauta das coisas; foi muito interessante isso, foi muito bom. A Diva sempre foi uma pessoa que... A vida dela foi esporte, tanto que hoje ela vive o esporte, ela tem uma *agenda* - ela é aposentada aqui da ESEF. Ela era professora da cadeira de basquete - ela foi convidada pelo professor Waldir Echardt²⁷ - para ser da cadeira de basquete, para ser assistente dele. Então a Diva viveu tudo isso aqui, se aposentou, mas ela, no primeiro dia de aposentada já tinha todos os compromissos do mundo e até hoje, a gente para falar com ela tem que pedir para marcar na agenda. Mas que tanta coisa tu tens na tua vida? “Eu não posso! Daqui vou para a aula de dança, depois eu vou para o tênis - porque ela joga tênis também: “master” -, depois eu vou para o atletismo, depois eu vou para o vôlei...” Então é assim: a casa é só para mudar de roupa, conversar um pouco e sair. Então nesse ponto, desde 88, quando eu vim trabalhar aqui mais, e também a minha vida era com outras pessoas e diferentes compromissos, que eu vivo um pouco separada dela. A gente só se fala por telefone, mas ela sabe que eu também não posso, porque eu moro aqui dentro da ESEF. E moro em Viamão²⁸, tenho o meu marido e tenho a minha casa... Então eu não *posso* mesmo, não é. A gente não pode estar muito perto... Mas o nosso relacionamento é assim: a gente virava uma *fera* se alguém falava ou ouvia falar da irmã: a gente partia para cima. A minha mãe também, se ouvia falar de nós - ela ia para torcida - daqui a pouco um falava de nós, ela pegava um guarda-chuva para dar na pessoa; se levantava da arquibancada, “quem foi que falou da minha filha?” - isso ficou famoso. Porque ela queria partir para briga, porque a gente era [riso] tudo assim. Foi muito legal.

²⁷ Waldir Calvet Echart

²⁸ Cidade ao lado da capital Porto Alegre

K.D. - Dentro da trajetória do esporte, a tua vida e a vida esportiva da *Diva*, vocês acabaram optando pelos mesmos esportes praticamente.

D.S. - É. Não. No início. Mas depois a *Diva* sempre teve resultados eu acho melhores do que eu no esporte. Ela foi campeã sul-americana - coisa que eu não fui, porque ela foi convocada para seleção brasileira de basquete e convidada para seleção brasileira de vôlei também - quando eles ganharam o sul-americano. Então a *Diva* tem títulos mais altos do que os meus. Então eu não sei até que ponto eu ia atrás dela, não sei até onde... Porque eu me lembro que eu queria fazer Direito, eu queria me ligar à Letras, coisas assim; mas eu, na verdade, terminava indo atrás daquilo que ela fazia. Eu achava que para mim dava também e fui indo e, interessante isso aí, um pouco de seguir um outro modelo, não foi tanto pelas minhas pernas não. Foi bem interessante isso aí! Bom, e até então, a gente fez os mesmos esportes, mas a partir de uma certa data, agora, desde que a *Diva* se aposentou - faz uns dez anos - ela começou a praticar outras coisas. A praticar tênis, que ela sempre teve vontade e nunca tinha se dedicado e ela pratica também atletismo. Então elas pegam o Moraes²⁹ aqui quando tem competição, o professor Luiz Fernando Moraes, e vêm pegar aqui umas dicas do Moraes; o Moraes treina elas um pouco - que ele também participa dos “master” - para elas fazerem os resultados. E se vocês pensam - porque sessenta e quatro anos e por aí - que elas não vão para ganhar: não é nada disso! Elas ficam uma de olheira da outra, cuidando o tempo que aquela faz, como é que aquela correu, e assim elas vão se comunicando no campeonato e vão *para ganhar!* Isso sempre foi assim, a *Diva* sempre diz: “não, eu vou para ganhar; eu estou vendo... Até posso ver que está difícil, mas eu vou para ganhar! Meu objetivo é ganhar! Agora se eu tiver que só competir, eu também faço.” [risos] E eu nunca fui tão assim, sabe? Eu, às vezes eu brigava e fazia e queria ganhar e coisa e tal, mas nunca como ela assim. Eu acho que ela fazia por nós duas essa parte. *Ela já comprava briga...* Queria ganhar!

K.D. - A tua família apoiava isso, porque na época em que vocês se dedicaram ao esporte... Não sei como é que era a relação da mulher com o esporte, como era visto isso pela tua mãe ou pelo teu pai...

²⁹ Luiz Fernando Ribeiro Moraes, professor da cadeira de Atletismo da ESEF-UFRGS.

D.S. - *Muito difícil*, porque minha família era uma família - minha mãe de origem italiana, aquela gente cabeça dura, cheia de moral. E meu pai de uma outra forma bem mais suave, mas também muito cuidadoso nessas coisas, o que a gente... Muito religioso, então o que é... Onde é que a gente ia... O que a gente ia fazer. Mas nós tivemos muita sorte com nosso irmão porque ele é que nos abriu o caminho. E como a minha mãe já teve o meu irmão, não é, ela já tinha uns trinta anos, a mim com quarenta, ela sentiu que tinha que perguntar para ele as coisas que a gente podia. Então quando a minha irmã veio: “Bah, vou jogar basquete no União, fui convidada... Não, vou para natação”. Aí lá em casa foi um rebu. “Não, mulher... pode até ir lá para Clube, mas mulher em esporte, nã, nã... Vocês não vão! Porque aí se torna tudo invertido”. Aí então nós começamos: “Não!”. Perguntamos para o pai mesmo: “Não, deixa, não sei o quê, a gente vai aprender a nadar e depois aí o Dilson está dizendo que a gente pode depois jogar, porque ele já é do basquete”. E aí a minha mãe disse assim: “Não, só depois de eu ter uma conversa *muito séria com ele*, com o Dilson; ele é que vai determinar se vocês podem”. Aí nessa conversa, então, o meu irmão disse: “Não, não tem problema nenhum, as gurias vão para lá, inclusive eu já estou, eu conheço as pessoas, é muito bom, podem deixar elas irem, que a gente vai ficar junto.” Então a nossa entrada foi porque o meu irmão, que tinha mais idade um pouco - diferença de dez anos - deu o aval moral, porque se não a gente não ia poder. E em relação a isso, naquela época, 1959 ou 60, quando a Diva entrou para a faculdade - ela vinha dois anos antes de mim na ESEF, ela pertencia à primeira turma que se formou aqui; tem até ali uma pedra com o nome deles porque foi a primeira turma aqui, que se formou nesse local. E aí quando a Diva falou - porque o professor Waldir Echardt, ele era treinador de basquete no União, então ele era nosso treinador lá e a Diva era na verdade excelente - e ele disse para ela: “Eu gostaria que tu fosses fazer faculdade de Educação Física para ser minha assistente depois.” Porque naquela época não entrava por concurso, entrava por convite. Aí, então, Diva disse assim: “Eu quero fazer, eu gosto de jogar, eu gosto de tudo.” Aí minha mãe disse: “Não, mas tu não vais fazer! Faculdade de Educação Física? Nem pensar! Isso é para homem, tu não vais!”. Aí começou de novo a batalha: o meu pai com toda calma, meu irmão e eles venceram. Ele disse: “Não, mas não pode tirar da menina o caminho dela, ela gosta, ela está sendo convidada, vocês deixem ela seguir o mundo dela.” Então ela abriu a porta e eu vim atrás depois. [risos]

K.D. - Podemos encerrar?

D.S. - Podemos. Eu agradeço a oportunidade e fico muito contente de poder registrar um pouco, assim, da minha vida. E eu também gostaria de dizer que, na verdade, eu agora trabalhando em área de lazer e tudo; eu acho assim, que é muito importante porque essas nossas decisões em nível de esporte elas terminam selando a nossa vida em outras coisas. No final, a nossa vida social foi o nosso grupo lá. A nossa vida cultural, de estudo - porque todo mundo estudava - então eu acho que é muito importante a gente ver o esporte também como uma oportunidade; porque nós, uma família também humilde, quando é que nós iríamos, ascender a um clube e ter depois regalias lá dentro e tudo. Mas através do esporte a gente conseguiu. Agradeço a Karine, a Berê e aos coordenadores desse Programa.

[FINAL DO DEPOIMENTO]